

Dmitri Shostakovich na imprensa brasileira nos anos 1940

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO DE PESQUISA

SUBÁREA: Musicologia

Natália Braga¹

Universidade Federal de Minas Gerais

nataliabraga.nb@gmail.com

Edite Rocha²

Universidade Federal de Minas Gerais

editerocha@ufmg.br

Resumo. A divulgação da *Sétima Sinfonia* do compositor soviético Dmitri Shostakovich teve uma forte repercussão internacional, principalmente ao redor da estreia nos estados Unidos e na imprensa brasileira. A partir da análise inicial sobre a crítica hemerográfica entre 1942-1947 (Braga, 2023), este trabalho amplia seu escopo adicionando ao quadro teórico um texto de Mário de Andrade (1943) e expandindo o recorte temporal da pesquisa com as publicações dos jornais *Correio da Manhã* e *Diário de Notícias* entre 1948 e 1949, correspondente à participação de Shostakovich na Conferência Cultural e Científica pela Paz Mundial que foi realizada em Nova York. Nesse sentido, tendo como eixo de análise o impacto da atuação deste compositor na imprensa brasileira, este trabalho tem por objetivo analisar a relação intrínseca entre música e política a partir da imagem de Shostakovich no Brasil.

Palavras-chave. Música e política, Crítica musical brasileira, Diplomacia cultural, Segunda Guerra Mundial, Guerra Fria.

Dmitri Shostakovich in the Brazilian press in the 1940s

Abstract. The reception of Soviet composer Dmitri Shostakovich's Seventh Symphony had a profound international impact, particularly surrounding its US premiere and in the Brazilian press. Building on an initial analysis of press critiques from 1942–1947 (Braga, 2023), this study broadens its scope by incorporating a text by Mário de Andrade (1943) and extending the timeframe to include publications from the newspapers *Correio da Manhã* and *Diário de Notícias* between 1948 and 1949. This period corresponds with Shostakovich's participation in the World Congress of Intellectuals for Peace in New York. Taking the composer's influence on the Brazilian press as its central analytical axis, this work aims to examine the intrinsic relationship between music and politics through the lens of Shostakovich's public image in Brazil.

¹ Doutoranda na Linha de Música e Cultura, PPG Música da UFMG, CAPES.

² Prof. Doutora na Escola de Música, Departamento de Teoria Geral da Música e PPG Música da UFMG, CNPq.



Keywords. Music and Politics, Brazilian music criticism, Cultural Diplomacy, World War II, Cold War.

Introdução

O período da Segunda Guerra Mundial e início da Guerra Fria destacou a repercussão internacional em torno do compositor Dmitri Shostakovich (1906-1975), cujas obras na década de 1940 eram noticiadas pelos jornais brasileiros (principalmente da grande imprensa) a partir de publicações de textos de agências de notícias, mas também por textos originais, de crítica e outros (Braga, 2023).

Numa pesquisa inicial (Braga, 2023), com o foco na *Sétima Sinfonia* de Shostakovich dentro do recorte temporal de 1942 a 1947, foi possível identificar que, embora o cenário político brasileiro não fosse favorável à União Soviética, alguns aspectos do contexto fizeram com que as notícias sobre Shostakovich e sua música estivessem presentes na imprensa brasileira, mesmo durante a censura do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) durante o Estado Novo.

Um desses aspectos foi a grande popularidade internacional que Shostakovich conquistou com a *Sétima Sinfonia*, principalmente nos Estados Unidos e o fato do Brasil ter, mais tarde, entrado na Segunda Guerra Mundial junto aos Aliados, impactando em algumas mudanças temporárias como, por exemplo, o estabelecimento de relações diplomáticas entre Brasil e URSS entre os anos de (1945-1947). Contudo, a partir da segunda metade da década de 1940, durante o governo de Eurico Gaspar Dutra (1946-1951) e quando já se iniciava a Guerra Fria, o alinhamento do Brasil com os Estados Unidos se intensifica e a relação com a União Soviética se enfraquece.

Shostakovich, como um representante da música de concerto soviética e, muitas vezes, atuando como figura de uma diplomacia cultural, é afetado por esses intensos acontecimentos do período. A imagem de um grande herói soviético que ajudou a apagar o incêndio no conservatório onde era professor e que combateu o fascismo com sua música, da qual a *Sinfonia n.º 7* era um marco, se abala com a reverberação dos expurgos realizados pelo Partido Comunista da União Soviética em 1948. A partir da sua atuação como delegado soviético na Conferência Cultural e Científica pela Paz Mundial (1949), intensifica-se uma certa imagem



negativa do compositor na imprensa em 1949, sendo repercutido como um artista sem direito a voz própria, uma marionete do PCUS.

Tendo em vista esse cenário de mudança da imagem de Shostakovich na imprensa, o objetivo desta comunicação é aprofundar as análises já iniciadas no âmbito da pesquisa anterior (Braga, 2023), buscando identificar a repercussão desses acontecimentos na imprensa brasileira e possíveis impactos na recepção da obra de Shostakovich no Brasil. A partir da pesquisa hemerográfica, foram analisadas publicações de dois jornais de grande imprensa, localizadas através da busca por “Shostakovich”, dos anos de 1948 e 1949, o *Correio da Manhã* e o *Diário de Notícias*, ambos do Rio de Janeiro. Como contraponto, localizado por “Chostacovitch”, adicionamos o texto de Mário de Andrade (“Hino às Nações Unidas”, *Correio da Manhã*, 19 dez. 1943), que consiste em uma crítica sobre a obra *United Nations on the March* de Shostakovich e Harold Rome composta em 1942 (Andrade, *Correio da Manhã*, 1943).

Shostakovich, um combatente

Em 1942 a imprensa brasileira repercutiu várias publicações, sobre: 1) o traslado da partitura da *Sétima Sinfonia* de Shostakovich para os Estados Unidos; 2) a escolha do regente que estaria a cargo desta estreia (maestro Arturo Toscanini); 3) a estreia em si; e 4) o telegrama enviado por Shostakovich para ser lido nos Estados Unidos, além da resposta dada por Toscanini ao compositor (“A odisseia de uma ofensiva russa”, *Correio do Paraná*, 1942, p.1; “Bombeiro Shostakovich”, *Diretrizes*, 1943, p.21-22; “Shostakovich, gênio da 7.^a Sinfonia”, *A Cigarra*, 1943, p.102; Barkan, *Correio da Manhã*, 1942a, p.7; Barkan, *A Manhã*, 1942b, p.6; JIC, *Correio da Manhã*, 1943, p.7).

Não obstante a tendência para uma recepção positiva da imprensa, as críticas não eram unânimes sobre Shostakovich, nem mesmo depois do sucesso alcançado por sua obra, em que se discutia sobre a intensa propaganda promovida pela imprensa estrangeira e brasileira. O crítico musical Eurico Nogueira França (1913-1992), demonstrava um claro posicionamento de oposição aos ideais soviéticos para a arte musical, alegando que “A ação social da música não se exercerá sem um rebaixamento do seu nível estético” (França, *Correio da Manhã*, 1945, p.11). Por outro lado, a preferência musical por Prokofiev e Stravinsky, que se alinhavam a um perfil musical superior, se destacava nos seus textos na coluna “Música” do jornal *Correio da*



Manhã, em contraste com o lugar de Shostakovich, que era classificado como um compositor com menos qualidades musicais ou “mediocre”. Tendo em vista que Shostakovich era reconhecido pela intelectualidade brasileira como um representante da música soviética.

A Rússia sempre foi um celeiro de grandes maestros, dando-nos ainda este século alguns dos maiores músicos contemporâneos: compositores como Strawinsky, Prokofieff, Rachmaninoff, e intérpretes do porte deste último e de Vladimir Horowitz. Pois, com o advento do comunismo, a URSS abandonou aqueles geniais autores para lançar ao mundo, entre o estrépito de uma propaganda gigantesca, o nome de um compositor relativamente mediocre - Shostakowicz. Foi êsse músico sem estilo próprio, incapaz de vãos altos, escandalosamente influenciado pela música romântica, que frutificou na Rússia soviética. Nunca se viu, na história, um artista ser imposto exclusiva e ostensivamente pelos departamentos de publicidade oficial, como aconteceu ao autor da Sinfonia de Leningrado. (França, *Correio da Manhã*, 1945b, p.11)

Mário de Andrade seguia um direcionamento diferente de Eurico Nogueira França, como é possível observar em seu texto “Hino às Nações Unidas” (1943) publicado no mesmo jornal no qual França viria a se tornar colunista a partir de 1944, o *Correio da Manhã*. Ao contrário de França, Mário de Andrade afirma a importância da arte com função social, o papel do artista na sociedade e que a música poderia ser “abundantemente fácil, mas inteiramente isenta do banal” (Andrade, *Correio da Manhã*, 1943, p.1) cumprindo uma função. Nesse sentido, Mário de Andrade defendia que Shostakovich havia sido exitoso em sua composição *United Nations on the March* (1942), a partir do texto do artista estadunidense, Harold Rome (1908-1993).

O cântico às Nações Unidas é uma obra perfeitíssima de fatura, sem dúvida nenhuma a mais ‘bela’ e perfeita das canções que eu conheço provocadas pelo atual combate da humanidade contra o Nazismo. [...] Mas o que há de mais notável na canção é que, popularizada ou não, é a mais popularizável que se poderia fazer. Chostacovitch tinha diante de si o problema de criar uma canção que exaltasse o fervor de unanimidade e união nas Nações Unidas e que pudesse ser cantada tanto por uma boca russa ou iânque como por outra inglesa ou mexicana. [...] Havia que construir uma melodia que tanto pela sua estrutura rítmica como pela natureza do arabesco melódico fosse facilmente afeiçoável à garganta internacional. Este aliás é o problema mais trágico em que se debate toda a obra do grande músico soviético, perfeitamente perceptível nela e que desse se impor a todo artista erudito que pretenda fazer obra de imediata identificação para o homem popular. (Andrade, *Correio da Manhã*, 1943, p.1 e 10).



A música composta por Shostakovich apresenta a mesma melodia da obra composta por ele para o filme *Встречный* (*Counterplan*) de 1932. Mas a letra da peça de 1932 faz referência ao contexto interno da União Soviética, incentivando o empenho ao trabalho para a construção da nova sociedade que estava em curso. A música composta em 1942, com texto de Rome, foi utilizada em um outro filme, com uma versão ampliada para o estadunidense *Thousands Cheer* (1943), na cena em que um coro de homens canta esta versão com bandeiras das nações aliadas ao fundo³.

Mário de Andrade defendeu a popularização de *United Nations on the March*, justamente para que a potencialidade social da obra fosse ampliada, mas queixou-se por não poder divulgar a respectiva letra e música em seu texto, por uma questão de direitos autorais, que prejudicavam o cumprimento da função que a obra deveria cumprir. A estreia desta peça no Brasil só ocorreu em 1948, conforme informa o jornal *A Manhã*, na divulgação do recital que seria realizado pelo cantor Sidor Belarsky (1898-1975) que, dentre outras obras, cantaria, “de Shostakovich, a ‘Canção das Nações Unidas’, em primeira audição no Brasil” (“Um recital de Sidor Belarsky”, *A Manhã*, 1948, p.8).

Conheço o hino de Chostacovitch com texto inglês arranjado por Harold J. Rome. Mas aqui entra um... quinta-colunismo idiota produzido pelas leis da propriedade editorial. Não poderei citar de jeito nenhum nem texto nem música de “The United Nations” porque o *copyright* internacional do que se garantiu o editor não permite! [...] Mas eis de novo que agora Chostacovitch dá o tom do hino às Nações Unidas, que deveria estar em todas as bocas, riscar em todas as vitrolas e voar em todos os rádios, mas uma lei editorial proíbe a sua reprodução em qualquer finalidade que seja. Decerto nem de ganhar a guerra (Andrade, *Correio da Manhã*, 1943, p.1 e 10).

Em 1945 a tradução da biografia de Shostakovich com prefácio de Mário de Andrade⁴ (Seroff, tradução de Guilherme Figueiredo, 1945), foi publicada pela seção de livros da empresa gráfica *O Cruzeiro* e desde 1943 já era anunciada pela imprensa brasileira (“Notas”, *O Jornal*, 1943; “Notas”, *A Cigarra*, 1943). No ano do lançamento, a revista *O Cruzeiro* publicou – o

³ A Organização das Nações Unidas só foi fundada em 1945 e, portanto, a música não é um hino da organização, mas em 1 de janeiro de 1942 já havia sido assinada a Declaração das Nações Unidas pelos países aliados na luta contra as potências do Eixo.

⁴ Sobre o prefácio, ver os textos “Mário de Andrade: da “Paulicéia Desvairada” a Moscou. Um encontro com Shostakovich” (Giani, 1997) e “Músicas em tempos de guerra: o papel social do artista no contexto da Segunda Guerra Mundial na escrita de Mário de Andrade e Fernando Lopes-Graça” (Toni; Lopes, 2022).



que, talvez, tenha sido uma estratégia de venda – uma suposta carta de um leitor, Gastão de Oliveira, que se mostrava interessado em conhecer mais sobre a vida e a obra de Shostakovich, ao qual o editorial respondeu pedindo que tivesse um pouco mais de paciência, pois a biografia escrita pelo “pianista e também compositor russo Victor Ilyich Seroff sobre Dimitri Shostakovich. Foi editada como ‘best-seller’, em Nova York, pelos Srs. Alfred A. Knopf e será lançada no Brasil pelas Edições O CRUZEIRO” (“Escreve o leitor”, *O Cruzeiro*, 1945).

No ano seguinte à publicação da biografia, finalmente foi realizada a estreia da *Sinfonia Leningrado* no Brasil. Sua estreia só foi possível a partir das mudanças políticas que aconteceram no Brasil com o fim do Estado Novo, tendo sido divulgado pela imprensa brasileira que o motivo pela longa espera se devia à censura do DIP. Com apoio da Universidade do Povo, por intermédio do Partido Comunista Brasileiro, e com apoio da imprensa, o concerto foi realizado no estádio do Fluminense no Rio de Janeiro no dia 6 de novembro de 1946, sob a regência de Francisco Mignone (Braga, 2023).

Mas para Guilherme Figueiredo, o tradutor da biografia de Shostakovich, (Figueiredo, *Correio Paulistano*, 1947), a estreia somente após cinco anos da composição da obra (1941), significou mais como um símbolo na efervescência política do contexto brasileiro, do que como a satisfação dos anseios de uma apreciação musical há muito esperada pela população brasileira.

Nesse mesmo ano de 1947 foi também publicado um texto de autoria atribuída a Shostakovich (Chostacovitch, revista *Leitura*, 1947, p.33-34), no qual, o compositor reagiu às críticas publicadas anteriormente sobre ele na imprensa brasileira, desmentindo várias dessas críticas, algo como um prenúncio das notícias futuras que a imprensa repercutiria sobre o compositor devido aos expurgos de 1948.

"Shostakovich não serve mais" (França, 1948): Será?

Se na década de 1930 foi amplamente noticiada a publicação do jornal soviético *Pravda*, sobre a ópera *Lady Macbeth do distrito de Mtsensk* de Dmitri Shostakovich, classificando-a como “Caos ao invés de música” (“Сумбур вместо музыки - Об опере «Леди Макбет Мценского уезда»”, 1936), no final da década de 1940, nos deparamos com mais uma polêmica relacionada ao compositor. Em 1948, Shostakovich, Sergei Prokofiev, Aram Khatchaturian, Vissarion Shebalin, Gavriil Popov, Vano Muradeli e Nikolai Miaskovski foram acusados de "escreverem música que segue tendência formalista - uma tendência contra o



povo" ("Censurados sete compositores russos", *Diário de Notícias*, 1948, p.3; "Shostakovich e Prokofieff condenados pelo regime...", *Correio da Manhã*, 1948, p.11).

Depois de todo o sucesso da *Sétima Sinfonia* e do alcance positivo que Shostakovich havia alcançado, surge a notícia surpreendente que, mais uma vez, o compositor estava sendo desqualificado em seu país. A repercussão das acusações no Brasil não foi diferente do que se passou nos Estados Unidos. Nessa época, Shostakovich já era famoso e reconhecido como um dos mais importantes compositores soviéticos. Segundo Terry Klefstad, "Os estadunidenses estavam interessados nas implicações políticas desses ataques e abordaram a questão em termos de censura e impenetrabilidade soviética"⁵ (2013, p.9).

Partindo os acontecimentos divulgados, não apenas a acusação de formalistas que sofreram os compositores soviéticos mencionados, mas também a notícia de que Shostakovich, Prokofiev e Khatchaturian haviam concordado com as críticas e reconhecido seus erros ("Shostakovich está atualmente", *Correio da Manhã*, 1948, p.23), Eurico Nogueira França aproveitou o cenário de desaprovação para reiterar os seus argumentos. Este crítico defendia, desde anos antes, que a repercussão de Shostakovich no contexto de guerra, se dava muito mais pela propaganda articulada pelo governo soviético do que propriamente pela qualidade do compositor e suas obras.

Nesse sentido, a frase "Shostakovich não serve mais" foi escrita por França em seu texto "A autofagia russa" (1948, *Correio da Manhã*, p.13) alegando que o compositor já não era mais necessário ao governo soviético. Para Eurico Nogueira França, Shostakovich era simplesmente um compositor "mediocre" que alcançou fama graças à propaganda que o elevou a um símbolo positivo da criação musical na sociedade comunista e a um herói de guerra. Mas o que parecia ser o cerne da questão para França, era demonstrar que a música como função social não sobrevive às vicissitudes dos anos, dado que está presa ao contexto de sua criação.

Shostakovich não serve mais. Entretanto – e esse aspecto de autofagia não é menos estarrecedor e edificante – Shostakovich foi anteriormente considerado filho diletto de Stalin. O próprio embaixador da Rússia no México, Oumansky, em solenidade pública, referia-se há tempos à *Sétima Sinfonia* de Shostakovich, nos seguintes termos: "Para nós, os russos, a *Sétima Sinfonia* constitui a expressão adequada da época em que vivemos. Para exprimir-me com as palavras do próprio compositor, ele quis 'criar a história dos nossos

⁵ Tradução de "By this time, Shostakovich was famous throughout the Western world, and he was well established in the United States as an important Soviet composer. Americans were interested in the political implications of these attacks and addressed the issue in terms of censorship and Soviet inscrutability." (Klefstad, 2013, p.9)



dias, da nossa vida, do nosso povo que se converte em herói e em vencedor, que luta pela causa do triunfo sobre o inimigo. [...]

A Rússia, a rigor, estava então apenas impingindo ao mundo o seu músico oficial. E agora, ao renega-lo, dá-nos um espetáculo inominável que, na falta de melhores termos, pode-se qualificar de deslavada hipocrisia e indignidade. O mesmo instinto autofágico transparece a propósito do jovem Aran Ilich Khachaturyan (França, *Correio da Manhã*, 1948, p.13).

Nogueira França retomou o contexto mexicano do qual já havia escrito, referente ao evento diplomático de entrega da partitura da *Sétima Sinfonia* de Shostakovich para o compositor mexicano Carlos Chávez, citando alguns trechos e comentado o discurso realizado pelo embaixador Konstantin Umansky (França, *Correio da Manhã*, 1945^a, p.11)⁶. O lugar de Prokofiev no contexto composicional era para Eurico Nogueira França, tendencialmente, uma das maiores referências da atualidade musical, inferindo que, ao contrário de Shostakovich, seria desvinculado de influências político-ideológicas em sua obra “genial”.

Já Prokofieff, artisticamente, não tem termo de comparação com esses dois [Shostakovich e Khatchaturian]. É das figuras geniais da criação musical contemporânea. Surpreende-nos o autor de ‘Peter and the Wolf’ que, sendo figura exponencial da música do nosso tempo, não abdique nem desdenhe o cultivo da grande forma de sinfonia, cuja estrutura deriva do tipo clássico de sonata, mas antes se empenhe em leva-la modernamente a um novo esplendor. Sua profunda originalidade faz-se então substancial, sem que portanto Prokofieff se sinta de modo algum atraído por um ‘partipris’ revolucionário. (França, *Correio da Manhã*, 1948, p.13)

Dois dias antes da publicação do texto acima (França, *Correio da Manhã*, 1948, p.13), foi publicada no mesmo jornal uma nota da redação (N. da R.) que sintoniza com o posicionamento de França assumido em seus textos do período, levando a inferir que possa ter sido também de sua autoria. Comentando sobre uma publicação do jornal *Pravda* que apresentava depoimentos de músicos, escritores e trabalhadores que elogiavam o decreto do Comité Central do Partido contra a “tendência formalista” dos compositores, o autor da nota afirmou tratar-se de uma “contradição absurda”, tendo em vista que, por um lado, Shostakovich e Khatchaturian eram internacionalmente reconhecidos como compositores representativos da URSS e, por outro, um “revoltante atentado à cultura”, visto que Prokofiev era considerado

⁶ Para mais informações, ver (Braga, 2023).



como "um dos mestres eminentes da música contemporânea, que pertence ao mundo civilizado, e não à Rússia" (Redação, *Correio da Manhã*, 1948, p.23).

Em março de 1949 o assunto em torno do nome de Shostakovich estava relacionado à concessão ou não de vistos para que uma delegação de intelectuais soviéticos entrasse nos Estados Unidos para participar da “Conferência Cultural e Científica pela Paz Mundial”, da qual Shostakovich seria um dos mais destacados delegados participantes (Klefstad, 2013, p.12-13). No Brasil, através de texto da agência de notícias *Reuters*, o jornal *Correio da Manhã* publicou um texto com o título "Protesto contra a visita de Shostakovich" (*Correio da Manhã*, 1949). Embora Shostakovich não fosse o único delegado a fazer parte da comitiva soviética no congresso, a imprensa vinculava o nome do compositor às notícias sobre o evento, algo que demonstra a fama que Shostakovich tinha não apenas no meio internacional, mas também entre os leitores dos jornais brasileiros.

Nesse contexto inicial da Guerra Fria, os estadunidenses se dividiam em favoráveis e desfavoráveis à permissão para que soviéticos entrassem no país e participassem de um congresso pela paz mundial, pois havia o receio de que os delegados soviéticos pudessem realizar críticas aos Estados Unidos, seu governo e seu sistema político, econômico e social, e conseguissem adeptos aos seus argumentos. Por outro lado, devido à grande popularidade alcançada por Shostakovich nos EUA durante a Segunda Guerra Mundial, havia também uma parcela numerosa que, supostamente, desejava ver o compositor (Klefstad, 2013, p.12)⁷.

Dentre as publicações do *Correio da Manhã* e do *Diário de Notícias* desse ano, os temas predominantes foram: 1) a concessão dos vistos e; 2) a manifestação realizada do lado de fora do hotel onde o evento ocorreu, Waldorf Astoria. Quanto aos vistos, a Secretaria de Estado dos Estados Unidos decidiu ceder favoravelmente aos soviéticos, mas negaram a alguns intelectuais de outros países, como Inglaterra, França, Itália, México e Venezuela, alegando que foram concedidos vistos apenas para delegados oficiais de seus respectivos países. Neste contexto histórico, a informação que os delegados autorizados a entrarem nos Estados Unidos para participarem da conferência não receberiam imunidade diplomática, marcavam por outro

⁷ Além do texto de Terry Klefstad, “Shostakovich and the Peace Conference” (2013), para mais informações sobre o contexto político da conferência, ver também o capítulo 3 – “Marxistas no Waldorf”, do livro *Quem pagou a conta - A CIA na Guerra Fria da Cultura* (Saunders, 2008).



lado uma subtil restrição do trânsito efetivo desses intelectuais (“Conferência em Nova York dominada pelos comunistas”, *Diário de Notícias*, 1949, p.1).

Sobre a manifestação realizada na porta do Waldorf Astoria durante os três dias de conferência, destacou-se tanto o cunho religioso da manifestação – “Carregavam os manifestantes as bandeiras dos países atrás da Cortina de Ferro, tôdas elas com faixas pretas, e cartazes de protesto contra a prisão do cardeal Mindszenty⁸, na Hungria” (Cornell, *Diário de Notícias*, 1949, p.1) –, quanto o clamor pela liberdade:

Cantou-se o «Star Spangled Banner» e foram elevadas preces pelos povos dos «países escravizados da Europa». Como se a um sinal, às 12,25, homens e mulheres ajoelharam-se nas calçadas e rezaram o «Padre Nosso» e a «Ave-Maria», enquanto nas proximidades gritava-se «Queremos paz e liberdade» (“Diante do Waldorf-Astória”, *Diário de Notícias*, 1949, p.1).

Um texto bastante extenso e aprofundado sobre o evento que também incluía Shostakovich foi publicado no jornal *Diário de Notícias* sob a assinatura de Mister X (correspondente do jornal em Washington), situando o congresso pela paz no contexto político estadunidense e internacional, comentando algumas partes do evento, as falas de alguns participantes e as resoluções definidas no último dia. Inclusive faz um contraponto com as notícias sobre os protestos de cunho religioso do lado de fora do Waldorf Astoria, ao mencionar a presença de participantes religiosos no congresso (Mister X, *Diário de Notícias*, 1949, p.1).

Sobre Shostakovich, Mister X menciona o compositor soviético como o orador mais aclamado no encerramento do evento e que essa sessão realizada no Madison Square Garden contou com “uma entusiástica multidão de 18.000 pessoas” (Mister X, 1949)⁹. No entanto, em um texto posterior, publicado pelo jornal *Correio da Manhã*, embora afirmando que 20.000 pessoas compareceram, é dado a entender que a sessão não alcançou um sucesso de público:

Mostra melhor o fracasso da propaganda visada pelos organizadores da conferência o comício no Madison Garden. À hora marcada, metade dos lugares ainda estava vazia, não obstante ter sido anunciado com realce que se iria fazer ouvir ao piano Shostakovich, famoso e reconhecido compositor russo. Compareceram, segundo os jornais, duas dezenas de milhares de pessoas (“A guerra fria”, *Correio da Manhã*, 1949).

⁸ Cardeal preso na Hungria acusado de conspirar contra o governo.

⁹ Terry Klefstad também menciona que a apresentação de Shostakovich foi bem recebida, embora não mencione a quantidade de pessoas presentes: “On the following day, Sunday, March 27, Shostakovich closed the peace conference with his piano performance of the second movement of his Fifth Symphony at Madison Square Garden (see Figure 4). The rally began at 8:00 p.m.; he performed his piece at 11:40 p.m., to resounding ovations.” (Klefstad, 2013, p.19)



A composição *Canção da paz* (1949) de Shostakovich tornou-se um resultado musical da conferência pela paz mundial, tendo sido divulgada na imprensa a partir de uma declaração do próprio compositor, afirmando ter se inspirado nos congressos pela paz mundial que ocorreram em Nova York e Paris (“Nova composição de Shostakovich”, *Correio da Manhã*, 1949, p.17; “Nova composição de Shostakovich”, *Diário de Notícias*, 1949, p.3).

No final da década de 1940 destaca-se a notícia do sucesso da nova obra de Dmitri Shostakovich, o oratório *Canção das Florestas op.81* (“Retorna Shostakovich ao favoritismo russo”, *Correio da Manhã*, 1949, p.17). O texto apresenta alguns trechos do jornal *Izvestia* referentes à obra como: “uma decisiva mudança de rumo na biografia de Shostakovich que agora aborda o grande tema da vida soviética contemporânea... O compositor se esforça sinceramente para corresponder à exigência do Partido Comunista e do povo, de arte altamente ideológica e realismo socialista” (*Izvestia* apud *Correio da Manhã*, “Retorna Shostakovich ao favoritismo russo”, 1949, p.17). Nesse contexto, talvez, ao final dos anos 1940, Eurico Nogueira França já não poderia afirmar que Shostakovich tivesse deixado de “servir” para o governo soviético ou, ao menos, teria que considerar que o compositor teria passado a “servir” novamente.

Considerações Finais

Quando observamos a criação musical e a história de Shostakovich, nos deparamos com um caso representativo da relação entre música e política em várias dimensões: ao longo dos anos 1940, observa-se a construção e repercussão da imagem de Shostakovich como um combatente de guerra por meio da música ou a própria música deste compositor como uma arma de guerra repercutidas em publicações da imprensa brasileira. Durante a Segunda Guerra Mundial a fama alcançada por Shostakovich no meio internacional também culminou na atuação deste compositor como um diplomata cultural de seu país com reverberação no Brasil.

As polêmicas relacionadas a Shostakovich contribuíram para que seu nome estivesse sempre presente nos jornais e revistas do período, quer em publicações em sua defesa, quer em enfáticas acusações e críticas negativas, tornando-o um compositor de impacto não apenas pela sua obra, mas pelo contexto de vida, onde seu nome era presente na imprensa com forte destaque em colunas sobre música e projeção em capas dos jornais.



Se Shostakovich se tornou esse reconhecido compositor soviético por meio da (1) propaganda, como Eurico Nogueira França tanto defendeu nos anos 1940; ou se foi (2) pela qualidade de suas obras em um contexto favorável para uma recepção positiva; ou, ainda, se foi (3) por ele realmente conseguir compor obras acessíveis a públicos diversos e não tão familiarizados à música de concerto, como discorreu Mário de Andrade na imprensa e no prefácio da biografia do compositor, o fato é que Shostakovich conquistou pessoas alinhadas e contrárias ao comunismo, à União Soviética, levando a uma polarização entre seus fãs que repercute até os dias atuais. De um lado, os que o consideravam como um representante soviético e do comunismo, do outro, os que o viam como uma vítima do totalitarismo.

Em suma, esta análise permitiu identificar que na grande imprensa brasileira a repercussão sobre Shostakovich era, na maior parte das publicações, uma reprodução das tendências internacionais, oriundas principalmente de agências de notícias estrangeiras. Mas os textos de crítica musical especializada, como os assinados por Mário de Andrade e Eurico Nogueira França, apresentam reflexões próprias e posições dicotômicas.

Referências

A guerra fria. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro p.1 (capa), 28 jun. 1949. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_05&Pesq=Shostakovich&pagfis=47989. Acesso em: 25 jul. 2025.

A odisseia de uma ofensiva russa. *Correio do Paraná*, Curitiba, p. 1, 21 jul. 1942. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=171395&Pesq=shostakovich&pagfis=16505>. Acesso em: 05 jul. 2023.

ANDRADE, Mário de. Hino às Nações Unidas. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, p. 1 e 10, 19 dez. 1943. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_05&Pesq=%22na%c3%a7%c3%b5es%20unidas%22%20%22Chostacovitch%22&pagfis=18717. Acesso em: 25 jul. 2025.

BARKAN, Hathan. “A Sétima Sinfonia” D. Shostakovich. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, p. 7, 8 set. 1942a. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_05&pesq=Shostakovich&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.br&pagfis=13448. Acesso em: 5 jul. 2023.



BARKAN, Hathan. A música como arma bélica. *A Manhã*, Rio de Janeiro, p. 6, 8 set. 1942b. Disponível em:
<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=116408&Pesq=shostakovich&pagfis=17033>. Acesso em: 5 jul. 2023.

Bombeiro Shostakovich. *Diretrizes: política, economia, cultura*, Rio de Janeiro, n. 136, p. 21–22, 4 fev. 1943. Disponível em:
<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=163880&pesq=shostakovich&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.br&pagfis=4983>. Acesso em: 5 jul. 2023.

BRAGA, Natália. *Dmitri Shostakovich e a música soviética na imprensa brasileira (1942-1946)*. Belo Horizonte, 2023. 86p. Dissertação (Mestrado em Música e Cultura). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2023. Disponível em:
<https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/63247/1/BRAGA%20Nat%C3%A1lia%20-%20Disserta%C3%A7%C3%A3o%202023%20vers%C3%A3o%20definitiva%20completa.pdf>. Acesso em: 7 set. 2025

Censurados sete compositores russos [A.P. Moscou, 11]. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, p. 3, 12 fev. 1948. Disponível em:
https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=093718_02&pesq=Shostakovich&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=37324. Acesso em: 25 jul. 2025.

CHOSTACOVITCH, Dimitri. Carta a Imprensa do Brasil. *Leitura crítica e informação bibliográfica*, Rio de Janeiro, n.43, p. 33–34, out. 1947. Disponível em:
<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=115509&Pesq=%22musica%20sovietica%22&pagfis=4847>. Acesso em: 4 jul. 2023.

Conferência em Nova York dominada pelos comunistas [Washington, 16 (A.P.)]. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, p.1 (capa), 17 mar. 1949. Disponível em:
https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=093718_02&Pesq=Shostakovich&pagfis=44200. Acesso em: 25 jul. 2025.

CORNELL, George. Forte proteção policial em torno dos delegados [Nova York, 25 (George Cornell, da A.P.)]. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, p.1 (capa), 26 mar. 1949. Disponível em:
https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=093718_02&Pesq=Shostakovich&pagfis=44366. Acesso em: 25 jul. 2025.

Diante do Waldorf-Astória [Nova York, 25 (A.P.)]. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, p.1 (capa), 26 mar. 1949. Disponível em:
https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=093718_02&Pesq=Shostakovich&pagfis=44366. Acesso em: 25 jul. 2025.

Escreve o leitor. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, n. 35, p. 4, 23 jun. 1945. Disponível em:
<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=003581&Pesq=Shostakovich&pagfis=45973>. Acesso em: 5 jul. 2023.



FIGUEIREDO, Guilherme. A função do anjo da guarda. *Correio Paulistano*, São Paulo, p. 4, 5 nov. 1947. Disponível em:
http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_09&Pesq=shostakovich&pagfis=35151. Acesso em: 5 jul. 2023.

FRANÇA, Eurico Nogueira. Shostakovich. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, p. 11, 25 abr. 1945a. Disponível em:
https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_05&pesq=%22sinfonia%22%20%22leningrado%22&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.br&pagfis=25706. Acesso em: 4 jul. 2023.

FRANÇA, Eurico Nogueira. Arte e totalitarismo. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, p. 11, 1 dez. 1945b. Disponível em:
https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_05&Pesq=%22sinfonia%20leningrado%22&pagfis=28941. Acesso em: 4 jul. 2023.

FRANÇA, Eurico Nogueira. A autofagia russa. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, p. 13, 17 fev. 1948. Disponível em:
https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_05&pesq=Shostakovich&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=40204. Acesso em: 25 jul. 2025.

GIANI, Luiz Antônio Afonso. Mário de Andrade: da “Paulicéia Desvairada” a Moscou. Um encontro com Shostakovich. *Pós-história*, Assis-SP, v. 5, p. 105–122, 1997.

JIC. Uma sinfonia inspirada diretamente da guerra. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, p. 7, 30 jan. 1943. Disponível em:
http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_05&Pesq=Shostakovich&pagfis=15076. Acesso em: 19 jul. 2025.

KLEFSTAD, Terry. Shostakovich and the Peace Conference. *Music and Politics*, v. 6, n. 2, p. 1–21, Summer 2012. Disponível em: <http://hdl.handle.net/2027/spo.9460447.0006.201>. Acesso em: 18 jul. 2025.

MISTER X. Põe-se à prova a democracia americana. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, p. 1, 10 abr. 1949. Disponível em:
https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=093718_02&Pesq=Shostakovich&pagfis=44664. Acesso em: 25 jul. 2025.

Notas. *O Jornal*, Rio de Janeiro, p. 7, 26 set. 1943. Disponível em:
http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=110523_04&Pesq=Shostakovich&pagfis=17749. Acesso em: 5 jul. 2023.

Nova composição de Shostakovich [Moscou, 23, U.P.]. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, p. 17, 24 maio 1949. Disponível em:
https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_05&Pesq=Shostakovich&pagfis=47401. Acesso em: 25 jul. 2025.



Nova composição de Shostakovich [Moscou, 24, U.P.]. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, p. 3, 25 maio 1949. Disponível em:
https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=093718_02&Pesq=Shostakovich&pagfis=45491. Acesso em: 25 jul. 2025.

Protesto contra a visita de Shostakovich [Los Angeles, 19 (R.)]. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, p. 4, 20 mar. 1949. Disponível em:
https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_05&Pesq=Shostakovich&pagfis=46306. Acesso em: 25 jul. 2025.

REDAÇÃO, do Correio da Manhã. N. da R. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, p. 23, 15 fev. 1948. Disponível em:
https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_05&pesq=Shostakovich&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=40182. Acesso em: 25 jul. 2025.

Retorna Shostakovich ao favoritismo russo [Moscou, 27 (U.P.)]. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, p. 17, 30 nov. 1949. Disponível em:
https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_05&Pesq=Shostakovich&pagfis=50756. Acesso em: 25 jul. 2025.

SAUNDERS, Frances Stonor. *Quem pagou a conta: a CIA na Guerra Fria da Cultura*. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Record, 2008. 556p.

SEROFF, Victor. Dmitri Shostakovich. Tradução: Guilherme Figueiredo. Rio de Janeiro: Empresa Gráfica “O Cruzeiro” S. A., 1945. v. 5. 243p.

Shostakovich e Prokofieff condenados pelo regime... [A.P. Moscou, 11]. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, p. 11, 12 fev. 1948. Disponível em:
https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_05&pesq=Shostakovich&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=40134. Acesso em: 25 jul. 2025.

Shostakovich está atualmente [R. Moscou, 21]. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, p. 23, 22 fev. 1948. Disponível em:
https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_05&Pesq=Shostakovich&pagfis=40278. Acesso em: 25 jul. 2025.

Shostakovich, genio da 7.^a Sinfonia. *A Cigarra magazine*, São Paulo, v. Número de Aniversário, n. 114, p. 102, set. 1943. Disponível em:
<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=003085&pesq=shostakovich&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.br&pagfis=34509>. Acesso em: 5 jul. 2023.

TONI, Flávia Camargo; LOPES, Guilhermina. Músicas em tempos de guerra: o papel social do artista no contexto da Segunda Guerra Mundial na escrita de Mário de Andrade e Fernando Lopes-Graça. *Revista Música*, v. 22, n. 1, p. 163–194, jul. 2022. Disponível em:
<https://www.revistas.usp.br/revistamusica/article/view/200585>. Acesso em: 24 jul. 2025.



Um recital de Sidor Belarsky. *A Manhã*, Rio de Janeiro, p. 8, 27 jul. 1948. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=116408&Pesq=%22Can%c3%a7%c3%a3o%20das%20na%c3%a7%c3%b5es%20unidas%22&pagfis=38898>. Acesso em: 25 jul. 2025.

Сумбур вместо музыки - Об опере «Леди Макбет Мценского уезда». *Правда*, n.27 (6633), p. 3, 28 jan. 1936. Disponível em: https://marxism-leninism.info/paper/pravda_1936_27-5639. Acesso em: 25 jul. 2025.

